

#cm

2

QUARTA-FEIRA

‘Sinto-me em casa em qualquer lugar’

Instrumentista, compositor e intérprete de destaque mundial, o cubano X Alfonso se apresenta nesta quarta (1) no Blue Note Rio. Em entrevista exclusiva ao Correio da Manhã, ele fala da importância ancestralidade afrocubana em sua obra, do grandioso projeto cultural que mantém em Havana e dos desafios de produzir arte num país sob forte embargo por mais de seis décadas. Páginas 2 e 3

ENTREVISTA | X ALFONSO

INSTRUMENTISTA, CANTOR, COMPOSITOR E ARTISTA VISUAL

‘Não venho apenas tocar músicas, venho compartilhar um pedaço da Cuba atual’

AFFONSO NUNES

X Alfonso é um dos nomes mais multifacéticos da música cubana contemporânea. Desde os anos 1990, o instrumentista, compositor, intérprete e artista visual transita com total desenvoltura pelo rock, pop rock, hip-hop, música eletrônica e raízes afrocubanas, construindo uma carreira que o consolidou como um dos grandes expoentes artísticos da ilha. Começou a tocar já aos sete anos e, nos anos 90, após se formar, juntou-se ao grupo cubano Síntesis, liderado por seus pais, Carlos Alfonso e Ele Valdès. “Cheguei bem na época em que o tecladista do grupo estava saindo, então comecei tocando teclado. Depois, acabei na percussão e nos vocais. Foi assim que aprendi a tocar os instrumentos, por necessidade”. Sua música é marcada por uma lírica reflexiva que busca despertar consciências, combinando experimentação sonora e profundidade poética. E é essa estética que ele revela ao público brasileiro nesta quarta (1), às 22h30, em apresentação única no Blue Note Rio. O músico ganhou o Grammy Latino em 2022 pelo arrojado álbum “Ancestros Sinfónico” - um raro encontro da ancestralidade afrocubana com orquestra -, foi indicado outras quatro vezes ao prêmio e recebeu o prestigiado Prêmio Goya (Espanha) pela trilha sonora de “Habana Blues”. Sua trajetória não se resume aos palcos: em 2010, tornou-se Embaixador de Boa Vontade da Unicef.

Mas talvez sua marca mais visível seja a Fábrica de Arte Cubano (FAC), projeto sócio-educativo artístico que lidera desde 2013. O espaço, instalado em uma antiga fábrica de óleo de cozinha, transformou-se em um epicentro cultural reconhecido pela revista Time como um dos 100 melhores lugares do mundo. Ali, artistas emergentes convivem com nomes consagrados em um ambiente que reflete a própria estética de Alfonso: sem fronteiras entre gêneros, formatos e disciplinas.

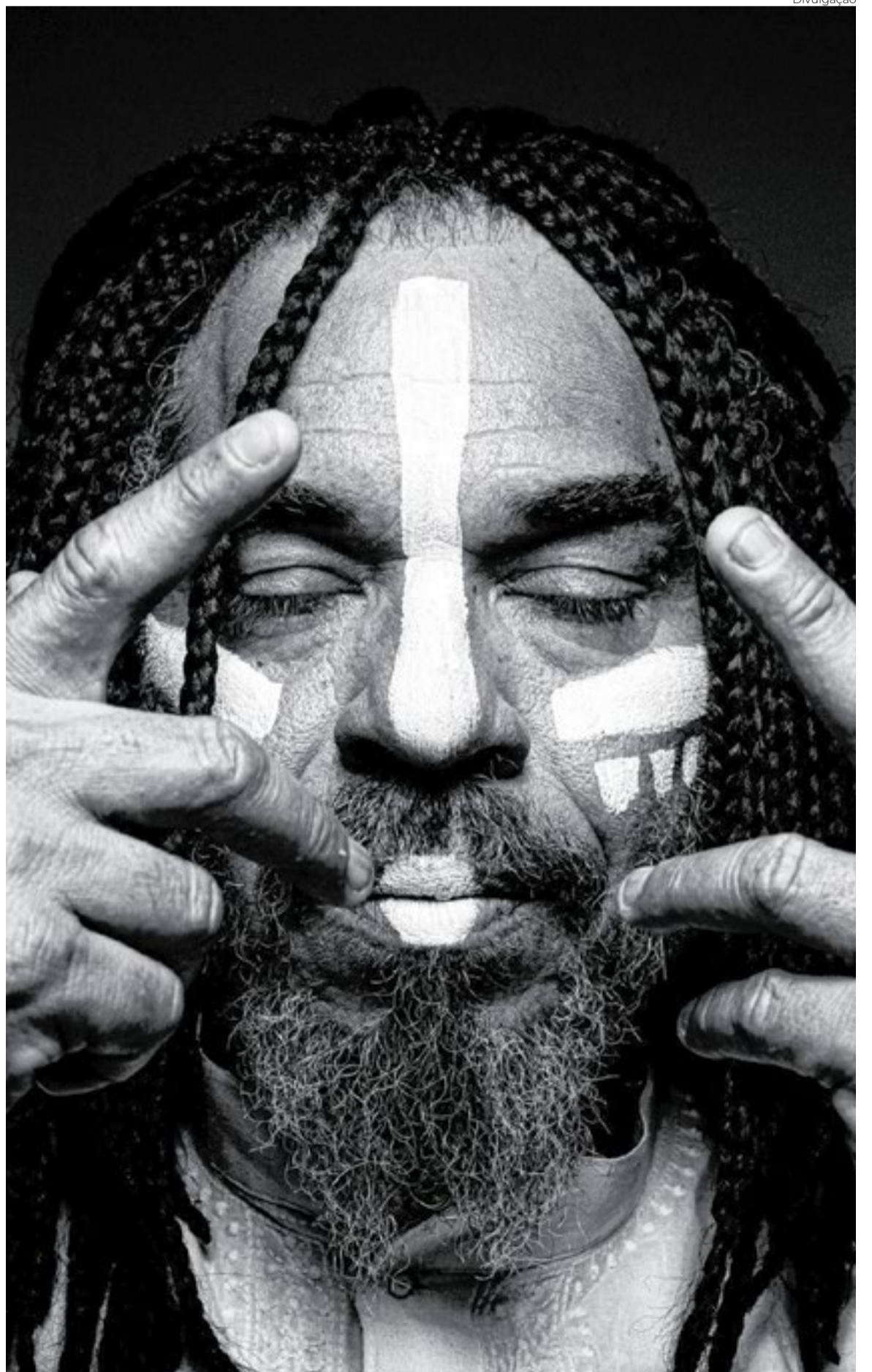
Movido a colaborações, participou de projetos com nomes como Síntesis, Santiago Feliú, Meshell Ndegeocello, Audioslave e Rick Wakeman, e seus shows são conhecidos por serem obras de arte em si: pintores, rappers e dançarinos dividem o palco enquanto vídeos projetados ampliam a experiência visual.

Nesta entrevista, conversamos com X Alfonso (nome artístico de Equis Alfonso) sobre sua trajetória, os desafios de seu produzir arte num país sob constante bloqueio econômico há mais de 60 anos, o significado da Fábrica de Arte Cubano e como a música segue sendo, para ele, um instrumento de transformação.

Como você descreve a evolução da sua música desde seus

primeiros trabalhos na década de 1990 até álbuns conceituais como “Ancestros Sinfónico”, vencedor do Grammy Latino?

X Alfonso - Foi uma viagem linda de desapego e reencontro. Nos anos 90, meu motor era a experimentação pura; eu queria quebrar padrões misturando rock e hip-hop com aquilo que absorvi em casa. Era uma energia muito externa, de fusão direta. Com o tempo, essa busca se tornou mais introspectiva. “Ancestros Sinfónico” não é apenas um álbum, é um ciclo que se fecha. Passar dos sintetizadores para a grandiosidade de uma orquestra, para honrar o legado dos meus pais e a herança afrocubana, foi um processo de amadurecimento. Continuo sendo o mesmo rebelde, mas agora



Divulgação

Fernando Lara/Divulgação



(Um) Ensaio Sobre a Cegueira



Até 12 de abril, o Festival de Curitiba faz da capital do Paraná lar das mais inovadoras experiências cênicas do teatro brasileiro, num mapa vivo de tragédias, comédias e resiliência

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Pouco antes de a pandemia tossir na cara do mundo, o Brasil contabilizava oficialmente 350 festivais de cinema, um número que não baixou muito, mas que, apesar da diversidade das praças ocupadas, segue a ter Gramado como seu evento mais popular. Já no caso das artes cênicas, nenhum acontecimento neste país supera o Festival de Curitiba, que transforma a capital do Paraná numa embaixada latino-americana para a invenção. A edição de número 34 começou na segunda-feira e contabiliza 300 atrações (no mínimo), em seus diversos espaços culturais – além das ruas, nas praças da cidade e sua região metropolitana.

Fabíula Passini e Leandro Knopfholz, que dirigem a maratona curitibana, asseguraram a presença de medalhões como Malu Galli, Du Moscovis, Herson Capri, Natália do Vale, Nelson Motta e Miguel Falabella em seus palcos, além de grupos e



Like a Clown

companhias consagradas como o Corpo, o Armazém Cia de Teatro, o Coletivo Prot{agô}nistas, o Grupo Magiluth, o Coletivo Negro, a Companhia de Teatro Heliópolis, a Súbita Cia de Teatro e o Corpo Rasteatro. Já na arrancada, na terça (com mais uma sessão nesta quarta), o Grupo Galpão reinventa José Saramago numa encenação de “Ensaio Sobre a Cegueira”. A vida teatral paranaense será intensa daqui até o próximo dia 12, quando as atividades se encerram.

O mapa da mina, cartografado a partir das principais salas a serviço do festival, é o seguinte...

GUAÍRA - GUAIRÃO - Maracanã do nosso teatro, o Guáira - Guairão receberá espetáculos como a estreia nacional de “Na Marca do Pênalti”, em que o comentarista esportivo, jornalista e ex-futebolista brasileiro Walter Casagrande Júnior revisita sua carreira e também encara os clássicos mais difíceis de sua vida. Por lá passa também o aclamado



Na Marca do Pênalti

drama “Dois Papas”, primeira montagem em âmbito global do texto de Anthony McCarten, filmado por Fernando Meirelles em 2015. Badalada em sua passagem pelo Rio, a comédia “A Sabedoria dos Pais”, dirigida Falabella, vai encantar novas plateias com o reencontro de Herson Capri com Natália do Vale. Na seara da fricção, muito se espera de “Piracema”, nova coreografia do Grupo Corpo, que marca os 50 anos da companhia em um balé centrado na noção de continuidade e de renovação.

GUAIRINHA - Nesse templo mais intimista, a Armazém Companhia de Teatro apresenta “Dias Felizes”, um elogiado drama que constrói um jogo cruel e fascinante, em que cada palavra dita ressoa como um eco entre a esperança e o delírio, tendo Patrícia Selonck em seu apogeu. Por lá, neste fim de semana, Juana Profunda brilha em “O Grande Cabaré Combo Drag Week”, que celebra os seus 10 anos de trajetória, com a participação especial de Miranda Lebrão. Ali mesmo, no Guairinha, o circo vai mobilizar o Coletivo Prot{agô}nistas em “{FÉ}STA”,

um rito cênico de ancestralidade. Fenômeno da hora nos palcos cariocas, “Mulher em Fuga”, com Malu Galli e Tiago Martelli, exorcizam fantasmas de prosa com a “literatura do eu” de Édouard Louis.

ÓPERA DE ARAME - O Teatro Municipal do Rio de Janeiro – que no domingo recebeu John Malkovich para uma récita lotada – perde, em beleza, para essa casa tão linda de Curitiba. O local, que foi construído para abrigar o primeiro espetáculo da história do Festival de Curitiba, volta a receber peças com a nova montagem de “A Máquina”, comédia que marcou a história da dramaturgia brasileira e revelou ao país os talentos de um quarteto pouco modesto: Wagner Moura, Lázaro Ramos, Gustavo Falcão e Vladimir Brichta. Agora, um novo elenco dá conta da fábula nietzschiana de João Falcão. Ali na Ópera vai ter também “Édipo REC”, novo trabalho Grupo Magiluth criado a partir da Tebas do “Édipo Rei”, de Sófocles.

TEATRO JOSÉ MARIA SANTOS - Essa cada de austera eficácia

Divulgação

Renato Mangolin/Divulgação

'A parte mais assustadora é que tem uma base social tirada da vida real'

Diretor de 'Eles Vão Te Matar', Kirill Sokolov fala sobre os bastidores e inspirações para o filme

PEDRO SOBREIRO

Em cartaz nos cinemas brasileiros, o terror do ano até o momento, 'Eles Vão Te Matar', vem surpreendendo o público com uma protagonista feminina forte e uma dose cavalgar de ação e humor politicamente incorreto que chegaram às telonas como uma brisa de ar fresco. A trama sobre luta de classes, colocando trabalhadores explorados contra uma horda de ricos que fizeram pacto com o demônio, diverte, surpreende e assusta com coreografias de lutas e momentos tensos.

Para o diretor e roteirista do filme, o russo Kirill Sokolov, poder escrever essa história junto a Alex Litvak ("Predadores") foi muito produtivo. "Alex adorou essa ideia [de terror misturado com ação]. Desde o início, conversamos sobre como fazer um filme clássico de terror um pouco mais distorcido, como brincar com o gênero. Nosso começo era clássico, uma protagonista feminina que entra em um lugar perigoso e todo iriam pensar que ela provavelmente será uma vítima. Ela vai aos poucos aumentando sua potência — um tema clássico, mas nós o executamos de modo diferente", revelou Sokolov.

A trama é ambientada no Hotel Virgil, prédio secular de Nova York que viu o bairro prosperar com o passar dos anos e virou um grande monumento secreto ao demônio do coração da cidade que nunca dorme. O diretor revelou que, por mais inacreditável que pareça, a trama foi inspirada em um fatos reais. "Há uma história real que inspirou a do filme. Há oito anos, minha esposa e eu nos mudamos para um



Kirill Sokolov dirigiu a fantástica Patricia Arquette, que interpreta a governanta Lily Woodhouse



Kirill Sokolov tinha outra 'Asia' em mente, até que Zazie Beetz redefiniu a personagem para todos

apartamento em Moscou do qual gostamos, um prédio estranho de 16 andares que visitamos antes de mudar, claro. Em poucos dias, no entanto, entendemos que éramos os únicos dois moradores com menos de 60, 65 anos — ou até mais velhos. A grande maioria era de mulheres, inclusive, nada de homens. Nós nos perguntamos o que estaria acontecendo, e percebemos que essas senhoras velhas alimentavam gatos, e nos odiavam porque temos cachorro. Toda vez que eu saía ou entrava no prédio, eu as ouvia sussurrando nos bancos na frente da entrada onde passavam o dia: 'Por que ele está tão atrasado ou por que ele está vestido assim?'. Começamos a fazer uma piada recorrente de que o prédio inteiro provavelmente per-

tence a algum culto, e os participantes oferecem esse apartamento para alugar, atraem jovens como nós e depois nos sacrificam", brincou.

Além do frescor de um diretor que busca se firmar em Hollywood, o elenco mescla de nomes promissores com artistas consagrados no meio, como Patricia Arquette, Tom Felton e a protagonista Asia, vivida por Zazie Beetz.

Para Kirill Sokolov, a protagonista era uma personagem completamente diferente até Zazie ser escalada para o papel e roubar a cena. "Nós escrevemos o roteiro, eu fiz os storyboards, e enxergava a Asia de um jeito. Então nós escalamos a Zazie [Beetz] e fizemos essa leitura [de roteiro] na Cidade do Cabo, uma preparação de um ou dois dias

em um set com ela, e eu lembro de como, na minha imaginação, Asia se transformou na Zazie, e eu não conseguia pensar em mais nada além disso. Zazie compreendeu a personagem, deixou-a brilhante e viva. É um filme cheio de ação, desafiador em termos físicos para Zazie, porque ela filmava todos os dias. Mas como estava disposta a fazer muito das cenas de ação sozinha, teve quase quatro meses de preparação, ensaiou todas as lutas, e mesmo assim correu descalça o filme inteiro. Ela ficou molhada na Cidade do Cabo no inverno, à noite, com ventos de granizo, e nunca teve um colapso ou reclamação, sempre estava sorrindo. Não posso estar mais grato pelos esforços e pela dedicação dela. Zazie é inacreditável. Lembro que, enquanto ainda estávamos filmando, pensei: 'Ok, preciso escrever outra coisa para ela logo', porque quando você encontra alguém assim, não tem experiência melhor", contou o diretor.

"O elenco entendeu o tom do filme, a ironia dele, e fez os personagens ganharem vida. Eles chegaram e trouxeram sua própria personalidade. A personagem de Myha'la [Maria] está em uma jornada clássica da vítima que entrou para o culto como empregada. Teve uma vida difícil, e provavelmente foi encontrada no momento mais sombrio

de sua vida. Tom Felton e Heather Graham são Kevin e Sharon, ambos ricos inquilinos no prédio, e representam o outro lado do culto. Patricia Arquette e Patterson Joseph criaram essa química entre Lily e Ray, simplesmente magnífica. Todos são atores incríveis. Esse filme tem muitas mudanças de tom. Começa como terror, depois entra em um lado mais cômico e vai para muita ação. Às vezes, mudamos o tom dentro de uma cena, que começa um pouco mais dramática e séria e se torna engraçada, voltando para o drama depois. O desafio da direção de elenco era encontrar atores que conseguissem acertar essas mudanças, porque não é fácil, sentir esse gênero e tom e fazer isso com precisão, sem se desentender. Eles facilitaram meu trabalho", explicou.

O longa passa uma sensação incômoda por ser completamente ambientado dentro do Hotel Virgil. Presos entre as paredes do prédio, os protagonistas tentam sobreviver aos capachos demoníacos até chegarem ao grande síndico: o demônio em pessoa. Para o diretor, essa edificação representa uma viagem ao inferno.

"Jeremy Reed, nosso designer de produção, é um gênio insano. O filme se passa principalmente dentro desse prédio do Virgil, então é tudo interno. Em um filme de interior, as pessoas podem se cansar de olhar para quatro paredes, então é preciso ser muito inteligente e criativo para estimular as pessoas, mostrar os mesmos cenários de forma diferente, expandir esse mundo até mesmo sem sair do lugar. O Virgil é um prédio de nove andares, porque usamos o 'Inferno' de Dante como inspiração, onde cada andar é literalmente como um círculo diferente do inferno, o que nos deu a ideia de como vestir os pisos, que tipo de tema pertence a cada andar, o que de fato acontece naquele andar. Então, usamos essa estrutura para desenvolver o estilo visual e o design do local", comentou.

"Acho que a parte mais assustadora é que tem uma base social que soa familiar, porque foi tirada da vida real. Se você apenas assistir como os cultos funcionam na vida real, é como funciona o sistema no Virgil — o modo como eles atraem as pessoas, como algumas são sacrificadas e outras permanecem nele e trabalham para o culto, como as pessoas com dinheiro e poder abusam do poder deles e usam aqueles que estão confinados. Então, acho que essa é a parte mais assustadora. Mas também há muitos momentos clássicos de terror, como sustos repentinos, maldade, violência e sangue", completou Kirill Sokolov.

Por fim, o diretor disse que o público sentirá muitas emoções distintas durante a sessão.

"Posso garantir que, quando você assistir Eles Vão Te Matar, você vai sentir muita emoção, arrepios, vai dar muitas risadas, ficar vidrado na ação e, claro, ver muito sangue!", concluiu.

Grupo Estação radiografa alguns dos momentos mais marcantes da carreira do astro nº 1 da Argentina, país que teve seu cinema memorável solapado pelas forças radicais de Javier Milei

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Põe na tua agenda cinéfila: 16 de janeiro de 2027, aniversário de 70 anos de Ricardo Darín. A data deve ser uma festa em muito circuito. No argentino, talvez, nem tanto, pois Javier Milei, o presidente de nuestros hermanos, não é muito fã do cinema autoral que se faz por lá, muito menos de seu maior muso. No meio da atual crise da produção audiovisual de Buenos Aires, Mar Del Plata e arredores, as plataformas de streaming, como a Netflix, tornaram-se o principal meio de escoamento para novos projetos do astro, como “Lo Dejamos Acá”, que - estima-se - tem chances de ir para o Festival de Cannes (de 12 a 23 de maio).

Nesse aguardado longa-metragem, sob a realização de Hernán Goldfrid, a estrela mais pop da Argentina contracenava com Diego Peretti. Na trama, um psicanalista de prestígio que perdeu a fé na terapia começa a manipular os seus pacientes em segredo, alcançando resultados dos mais surpreendentes. Sua metodologia desmorona quando um escritor bloqueado entra em seu consultório em busca de ajuda. Essa (potencial) pérola vai estourar por aqui já, já, mas, antes, vai ter retrospectiva de Darín no Grupo Estação. Ela começa esta noite, às 20h30, no Estação NET Gávea, com a sessão de “Argentina, 1985” (2022), um thriller jurídico ganhador do Globo de Ouro, distinguido ainda com o Prêmio da Crítica no Festival de Veneza de 2022.

O evento vai até o dia de abril e apresentará os primeiros longas de prestígio comercial de Darín, como “El Mismo Amor, La Misma Lluvia” (1999), que determinou a força de sua parceria com o realizador Juan José Campanella. Os dois ajudaram o país a conquistar um Oscar, em 2000, com “O Segredo



‘A Cordilheira’ concorreu em Cannes, em 2017, na mostra *Un Certain Regard*

Maratonando Ricardo Darín



Darín e Diego Peretti em ‘Lo Dejamos Acá’, o trabalho mais recente



Soledad Villamil e Darín em ‘O Mesmo Amor, A Mesma Chuva’

A LINHA DO TEMPO DE DARÍN NA MOSTRA

- * “O Mesmo Amor, a Mesma Chuva” (1999), de Juan José Campanella
- * “Nove Rainhas” (2000), de Fabián Bielinsky
- * “O Filho da Noiva” (2001), de Juan José Campanella
- * “Kamchatka” (Marcelo Piñeyro, 2002)
- * “Clube da Lua” (2004), de Juan José Campanella
- * “A Aura” (2005), de Fabián Bielinsky
- * “XXY” (2007), de Lucía Puenzo
- * “O Segredo dos Seus Olhos” (2009), de Juan José Campanella
- * “Abutres” (2010), de Pablo Trapero
- * “Um Conto Chinês” (2011), de Sebastián Borensztein
- * “Tese Sobre um Homicídio” (2013), de Hernán Goldfrid
- * “Relatos Selvagens” (2014), de Damián Szifron
- * “Truman” (2015), de Cesc Gay
- * “A Cordilheira” (2017), de Santiago Mitre
- * “A Odisseia dos Tontos” (2019), de Sebastián Borensztein
- * “Argentina, 1985” (2022), de Santiago Mitre

De Seus Olhos” (2009). Entre os títulos revisitados na programação estão “Kamchatka” (2002), de Marcelo Piñeyro; “El Aura” (2005), de Fabián Bielinsky; “XXY” (2007), de Lucía Puenzo, que foi uma sensação em Cannes; e o sucesso de bilheteira “Truman” (2015), do espanhol Cesc Gay.

Talvez o mais precioso feito

dessa mostra seja a escalação de “A Cordilheira” (2017) para ter projeção em tela grande. Sua exibição inicial será nesta sexta, às 18h50, no Estação NET Rio, em Botafogo. Haverá uma também no domingo, às 20h30, na Gávea. Agraciado com o troféu Platino (o Oscar da latinidade) de Melhor Trilha Sonora (coroando a excelên-

cia melódica de Alberto Iglesias), o filme - lançado na França com o título de “El Presidente” - aborda um conclave de líderes políticos das Américas, tendo intrigas de corrupção e pecados afetivos pessoais em seus bastidores. Darín é uma dessas lideranças.

“É triste notar que todos nós da América Latina nos identificamos com a discussão da corrupção”, disse Darín ao CORREIO em Cannes.

No festival francês, esse longa dirigido por Santiago Mitre (também realizador do já citado “Argentina, 1985”) concorreu na mostra *Um Certain Regard*. “Existe uma náusea comum que vem da malversação de nossas riquezas naturais, de nosso patrimônio”, disse Mitre.

Em nenhum momento dos 114 febris minutos de “A Cordilheira” (tradução literal no Brasil) se fala o nome da Petrobras, mas é o petróleo brasileiro que serve de combustível às negociatas políticas retratadas neste thriller moral e cívico com Darín. O Brasil está representado na figura do presidente Oliveira Prete, vivido com uma ironia saborosa pelo ator Leonardo Franco, da série “Preamar”. Ele é o alvo e o inimigo de todos, menos do líder

argentino, o atormentado Hernán Blanco. Esse papel ficou nas mãos de Darín. Roteirista de “Abutres” (2010), hoje na Netflix, Mitre chamou a nata das atrizes e atores das Américas hispânicas para o elenco, como os chilenos Paulina García (de “Glória”) e Alfredo Castro (de “O Clube”), a argentina Dolores Fonzi (de “Truman”) e o espanhol radicado em solo mexicano Daniel Giménez Cacho (de “Má Educação”), além do americano Christian Slater (“Mr. Robot”).

Faltou só uma delícia nesse cardápio: “Samy y Yo” (2002), de Eduardo Milewicz. Um dos principais preparadores de elenco em atividade no Brasil, autor do seminal livro “Quando Acende a Câmera - Qualidade da Atuação Contemporânea”, filmou esta deliciosa comédia romântica em sua Argentina de berço. Esbanjando carisma, Darín vive um roteirista de TV que sonha ser escritor de prestígio. Pena diariamente com as pressões da televisão e com os faniquitos de sua mãe (Henny Trayles). A chegada da produtora Mary (Angie Cepeda) vai tirar sua rotina do eixo, pois ela enxerga em Samy um potencial astro de reality show.

Coletiva
'Constelações'
reúne artistas
de quatro
décadas de
exposições no
Paço Imperial

AFFONSO NUNES

O Paço Imperial acaba de inaugurar a coletiva "Constelações – 40 anos do Paço Imperial", que mapeia a trajetória do centro cultural desde sua fundação em 1985. Curada por Claudia Saldanha e Ivair Reinaldim, a mostra ocupa 12 salões e dois pátios com cerca de 160 obras de mais de 100 artistas que marcaram presença na instituição.

O conceito de "constelação" — agrupamento de elementos conectados pela imaginação — guia a estrutura. Não há hierarquias nem circuito pré-definido. Todos os portões estão abertos, inclusive o principal, fechado desde a pandemia, com vista para a Baía de Guanabara.

Entre os artistas estão Adriana Varejão, Amilcar de Castro, Anna Maria Maiolino, Arthur Bispo do Rosário, Beatriz Milhazes, Cildo Meireles, Hélio Oiticica, Lygia Clark, Lygia Pape, Roberto Burle Marx e Tunga. A pesquisa levou um ano mapeando todas as exposições do espaço.

A mostra divide-se em nove núcleos temáticos: "Paisagem", "In Situ", "Simbiose", "Construção", "Geografias", "Corpos", "Fortunas", "Terra e Mar" e "Cidade". No pátio principal, um jardim homenageia Roberto Burle Marx, montado pelo Sítio Burle Marx. Há também trabalhos inéditos de José Damasceno, Marcelo Monteiro e Regina de Paula.

Destaque para 15 vídeos da série Rio Arte com artistas como Amilcar de Castro, Lygia Clark e Tunga concebidas como peças artísticas. Uma sala inteira é dedicada a esses filmes.

A programação inclui três seminários com artistas e antigos diretores, oficinas em parceria com a Escola de Artes Visuais do Parque Lage e programa educativo. Um catálogo será lançado ao final da exposição.

Construído em 1733 e inaugurado em 1743, o Paço Imperial foi Casa dos Vice-Reis, Paço Real e Agência de Correios. Tombado pelo Iphan em 1938, tornou-se centro cultural em 1985 após restauração que resgatou sua essência histórica.

SERVIÇO

CONSTELAÇÕES - 40 ANOS DE PAÇO IMPERIAL

Paço Imperial (Praça XV de Novembro, 48 – Centro)
Até 7/6, de terça a domingo e feriados (12h às 18h)
Entrada franca



Luiz Braga - Homem-Terra (1997)

Luiz Braga



Alistair Overbruck/Divulgação

Luiz Pizarro -
Coração Partido
(1995)

Reprodução vídeo

Tiago Sant'Ana -
Refino #2 (2017)

Pegadas de uma história



Rafael Adorján/Divulgação

Victor Arruda - Trabalhos (2019)



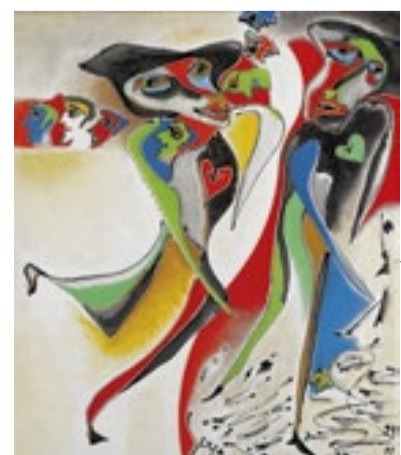
Ludmila Ferolla/Divulgação

Regina
de Paula
- Corrente
Sem Fim
(2023)

Jaime Acioli/Cortesia Galeria Gustavo Rebello

Roberto
Magalhães
- Sem título
(1966)

Horst Merkel/Cortesia Museu Castro Maya

Jean
Baptiste
Debret -
Marimba
(1826)

Jaime Acioli/Cortesia Galeria Gustavo Rebello

Ivan Serpa
- Garota de
Ipanema
(1965)